

## **O conceito de atividade como unidade de análise na Psicologia? Um possível diálogo entre Vigotski e Politzer**

The concept of activity as the unit of analysis in Psychology? A possible dialogue between Vygotsky and Politzer

Marcello Santos Rezende; Milton Raimundo Cidreira Athayde; Cirlene de Souza Christo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

### **RESUMO:**

Neste artigo pretende-se entrar no debate acerca do conceito de atividade como unidade de análise na Psicologia. Mais especificamente o fazendo por meio de um possível diálogo entre Vigotski e Politzer. Identificam-se diversos pontos de conexão existentes entre os autores, apresentando-se alguns destes. A convergência mais importante refere-se à formulação de que o “ato concreto” / “atividade prática” seria o termo ou unidade de análise da Psicologia.

**Palavras-chave:** atividade; Vigotski; Politzer; Psicologia

---

### **ABSTRACT:**

In this paper we intend to enter the debate about the concept of activity as the unit of analysis in psychology. More specifically making possible by means of a dialogue between Vygotsky and Politzer. Identifies several points of connection between the authors, presenting some of these. The most important convergence refers to the formulation of the "concrete act" / "practical activity" would be the term or unit of analysis in psychology.

**Key-words:** activity; Vygotsky; Politzer; Psychology

---

### **Introdução**

O interesse em entrar no debate acerca desse tema se deu em função da revitalização do conceito de atividade no cenário internacional<sup>1</sup> em diferentes comunidades científicas, seja na Psicologia Ergonômica (LEPLAT, 2008; LACOMBLEZ, 2011), na Ergonomia da Atividade (DANIELLOU, 2004; FALZON, 2007; GUÉRIN et alii, 2005), na Clínica da Atividade (CLOT, 2006a; 2010), na Psicologia Sociocultural (CHAIKLIN, 2001; VALSINER & ROSA, 2007), e na

chamada Teoria da Atividade (COLE et alii, 1997; ENGSTRÖM et alii, 1999; SANNINO et alii, 2009).

Béguin (2006) afirma que o vocábulo “atividade” não é definido da mesma forma nessas diferentes comunidades. Segundo o autor, apesar da sua fertilidade, trata-se de uma noção bastante ampla e imprecisa. De forma similar, Schwartz (2007) afirma que atividade é um conceito profundamente enigmático, sobre o qual ninguém pode pretender fazer uma teoria única e sistematizada. Apesar disso, todos os autores destas comunidades são unânimes em atribuir o início do uso deste conceito (com pretensões científicas) à Psicologia desenvolvida na Rússia em um período considerado revolucionário, mais especificamente em sua vertente dita sócio histórica ou histórico-cultural<sup>2</sup>, representada por grandes figuras da Psicologia que, no entendimento de parte dos especialistas, compunham a chamada *troika*, tendo à frente Lev Vigotski (1896-1934), acompanhado de Alexander Luria (1902-1977) e Alexei Leontiev (1903-1979).

O intuito neste artigo é colaborar para compreender as condições de emergência deste conceito na Psicologia forjada naquele período na Rússia e, ao mesmo tempo, traçar possíveis relações com a chamada Psicologia Concreta, proposta pelo filósofo que se reconhecia como marxista, naturalizado francês, Georges Politzer (1903-1942). Embora este autor<sup>3</sup> não seja destacado pelas correntes atuais que fazem uso do conceito de atividade, propõe-se aqui o argumento de que o arcabouço teórico proposto pelo filósofo relaciona-se diretamente com as concepções de Vigotski.

Clot (2006b: 20) acredita que “ele tenha desejado desenvolver uma Psicologia Geral (...). A obra de Vigotski não é uma Psicologia do Desenvolvimento, é um desenvolvimento da Psicologia”. Vigotski (1927/1999c) se propôs a colaborar na construção de um sistema conceitual e método próprios à Psicologia enquanto ciência, dando destaque a um método que resolvesse o que ele percebia como uma fragmentação improdutiva deste campo. Como entendia que a Psicologia estava dividida em correntes que não dialogavam entre si, lidando com falsos problemas, uma solução para essa crise seria a busca de unidade, o que implicaria solucionar o problema da (discutível) cientificidade deste saber.

Relacionada à temática da unidade e da cientificidade da Psicologia – que não será aqui discutida com a necessária profundidade, pois escaparia ao escopo do artigo – emerge a proposta de Vigotski (1927/1999c; 1934/2001) de estabelecer o que denominou “unidades de análise” dos processos psicológicos, contraposta ao estudo

isolado e mecanicista<sup>4</sup> dos mesmos. Verifica-se que nesta proposta se configura a primeira formulação explícita do conceito de atividade na história da Psicologia, conforme será desenvolvido mais adiante. No mesmo período histórico, Politzer (1929/1947; 1928/2008) também estava preocupado com o problema da análise da psique e, de forma similar a Vigotski, procurou solucioná-lo elaborando a noção de “ato concreto” como único termo de análise da Psicologia. É nesta questão da unidade de análise e sua relação com o conceito de atividade que está o foco deste artigo.

### **1. Vigotski e a Psicologia Histórico-Cultural**

Vigotski foi um psicólogo nascido na atual República da Bielorrússia, de tempo de vida breve<sup>5</sup>. Segundo muitos dos seus comentadores (COLE & SCRIBNER, 1998; NEWMAN & HOLZMAN, 2002; SHUARE, 1990; VAN DER VEER & VALSINER, 1996), sua obra foi fortemente influenciada pelo tempo em que viveu e trabalhou: a época da chamada Revolução Russa (1917). Em seu período inicial foram introduzidas mudanças radicais em todas as ciências vigentes no país. A primeira exigência que foi colocada na Rússia – destruída pelas guerras e pela luta interna após a inicial conquista do poder de Estado – para a Psicologia foi a de assumir a responsabilidade por analisar problemas de aplicação prática (no sentido de dar conta dos graves problemas de toda ordem que se resolveu enfrentar e encaminhar naquele momento). A relação com demandas concretas colaborou decisivamente para um tipo de fazer “Psi” e um regime de produção de conhecimento ligados ao mundo real: um tipo de encaminhamento fora dos padrões hipotético-dedutivos e do empirismo típico, seja do behaviorismo do psicólogo estadunidense John Watson (1878-1958)<sup>6</sup>, seja da reflexologia do fisiologista Ivan Pavlov (1849-1936). Tratava-se basicamente de desenvolver, no prazo mais curto possível, uma nova ciência que substituísse a Psicologia vigente. Leontiev oferece um quadro geral da Psicologia predominante na Rússia antes da revolução:

*Como se sabe, apesar das potentes tendências materialistas e revolucionário-democráticas que existiam na filosofia e psicologia russas, a ciência psicológica oficial que era cultivada nas universidades e colégios de antes da revolução estava impregnada por um espírito idealista. (...) A Psicologia existia na Rússia como uma ciência acadêmica restrita, puramente universitária, de cujas aplicações práticas nem cabia falar (LEONTIEV, 1982/1999: 427).*

Uma das tarefas urgentes que a Psicologia enfrentava naquele período de grandes transformações era, por exemplo, eliminar o analfabetismo e elaborar

programas educacionais que maximizassem as potencialidades da criança, inclusive aquelas tratadas pela Defectologia<sup>7</sup> de então. A Psicologia teve necessidade de assimilar e introduzir uma grande quantidade de experiências, de práticas e de hábitos acumulados ao longo dos séculos. Diretamente influenciado por aquele momento político, Vigotski (1927/1999c) viu nos métodos e princípios do chamado materialismo dialético<sup>8</sup> – entendido como a filosofia do marxismo – a solução dos problemas científicos com que se defrontavam os psicólogos contemporâneos.

Coerente com esta proposta, Vigotski defendia que a tarefa do psicólogo (enquanto cientista) seria reconstruir os começos e o curso do desenvolvimento dos processos psicológicos. Pois, em se tratando de um objeto da ciência, entendia: “é somente em movimento que um corpo mostra o que é” (VIGOTSKI, 1930/1998: 86). Mais precisamente, a Psicologia deveria concentrar-se não no produto do desenvolvimento, mas no próprio processo de estabelecimento dos processos psicológicos que ele considerava tipicamente humanos (consciência, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento conceitual abstrato, comportamento intencional e as emoções humanas<sup>9</sup>). Estudar algo historicamente significaria estudá-lo no processo de mudança, requisito básico do que entendia por método dialético.

De acordo com Marx (1867/1958: 130), em uma citação que se tornou clássica, “quando o homem atua sobre a natureza exterior a ele e a transforma, transforma também a si mesmo”. Embora essa proposta geral tenha se tornado bem conhecida e reiteradamente repetida por pensadores que se reivindicam como marxistas, Vigotski - segundo Cole e Scribner (1998) - foi o primeiro a tentar relacioná-la a questões psicológicas concretas. Nesse esforço, teria explorado de forma criativa as concepções desenvolvidas por Engels (1883/2000) sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos como os meios pelos quais o homem transforma a natureza (na forma como Marx no livro *I d'O Capital* analisou o processo de trabalho em geral). Para os autores, a originalidade de Vigotski foi estender ao uso de signos a função de mediação homem-meio, tal como o uso de instrumentos. Nas palavras do psicólogo bielorrusso: “a invenção e o uso de signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, relatar, escolher, comparar) é análoga à invenção e uso de instrumentos, só que agora num campo psicológico. O signo age como um instrumento da atividade psicológica de

maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho” (VIGOTSKI, 1930/1999d: 70).

Segundo Leontiev (1982/1999), a ideia básica de Vigotski de que determinados instrumentos agem como mediadores das funções psíquicas abria a perspectiva de um enfoque materialista global na análise da psique, que passaria a ser interpretada como um sistema complexo acoplado ao mundo exterior, constituído nas atividades humanas concretas.

Este autor indicou que para compreender o caráter original das investigações de Vigotski seria necessário destacar dois aspectos de sua obra. Por um lado existem pesquisas empíricas, experimentos e hipóteses, suas e de seus colaboradores, acerca de problemas concretos. Nessa direção suas contribuições mais conhecidas são: os conceitos de zona de desenvolvimento imediato<sup>10</sup>, os estudos sobre a formação do pensamento e da linguagem e a perspectiva sócio histórica do desenvolvimento psicológico. Por outro, existe um aspecto menos conhecido, mas não menos importante: sua ampla reflexão epistemológica sobre a Psicologia, desenvolvida em inúmeros textos ao longo de sua obra.

Para Leontiev (1982/1999), as investigações empíricas de Vigotski constituíram apenas a primeira etapa de realização de um programa teórico-metodológico original que ficou inacabado, mas ainda permanece atual. A reflexão abaixo é indicativa deste outro aspecto da obra do autor bielorrusso:

*A possibilidade da psicologia como ciência é, antes de mais nada, um problema metodológico. Em nenhuma ciência existem tantas dificuldades, controvérsias insolúveis, união de questões diversas. O objeto da psicologia é o mais difícil que existe no mundo, o que menos se deixa estudar; sua maneira de conhecer terá de estar cheia de subterfúgios e precauções especiais para proporcionar o que dela se espera (VIGOTSKI, 1927/1999c: 389-390).*

Esta constatação de Vigotski poderia a princípio soar como uma declaração pessimista acerca da possibilidade de produção de conhecimentos em Psicologia. No entanto, parece-nos que ele pretendia lançar luz sobre a complexidade do que entendia como o objeto teórico da Psicologia. Procurou, portanto, pensar e construir instrumentos teóricos, e principalmente metodológicos, compatíveis com o mesmo, no lugar de simplesmente importar procedimentos técnicos de outras ciências já consolidadas, mas cujos objetos tinham outra complexidade.

### **1.1 Crítica ao elementarismo como estratégia de análise**

Vigotski (1934/2001) entendia que se deviam distinguir duas espécies de análises utilizadas na Psicologia de seu tempo. A primeira, que respondia por alguns fracassos, seria feita pelo tipo de método que propunha decompor totalidades psicológicas complexas em elementos simples. Ao fazer essa crítica, Vigotski referia-se ao método da introspecção de Wundt (1832-1920), à reflexologia de Pavlov e ao behaviorismo de Watson. Considerava equivocado este tipo de análise “atomística”, dispersa, de fragmentos isolados da psique, em que o comportamento do indivíduo é decomposto para formar uma “psicologia mosaica” (VIGOTSKI, 1926/1999b: 53). Como indicado anteriormente, para ele este problema devia-se a uma transposição mecânica de métodos das ciências naturais para possibilitar uma maior quantificação dos dados.

Em pesquisas empíricas, por exemplo sobre a origem do pensamento, Vigotski avaliava que não se poderia separar o pensamento do afeto, porque a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses que lhe orientam o movimento nessa ou naquela direção. Quem ignorasse os afetos, portanto, fecharia definitivamente a explicação das causas do próprio pensamento. De igual maneira, quem separasse o pensamento para estudar o afeto inviabilizaria de antemão o estudo da parte afetiva e volitiva da vida. Segundo Vigotski (1934/2001), este tipo de método poderia ser comparado a uma análise química da água, que a decompõe em hidrogênio e oxigênio. Se decompusessemos a água em hidrogênio e oxigênio, eles evaporariam e se tornariam voláteis. Por isso, “a decomposição da água em elementos não pode ser a via capaz de nos levar à explicação de suas propriedades concretas. (...) Esse tipo de análise, aplicada de modo planejado pela psicologia, redundaria em profundos equívocos ao ignorar o momento de unidade e integridade do processo em estudo...” (VIGOTSKI, 1934/2001: 6-7).

## **1.2 Análise monista da psique**

Partindo de sua compreensão do materialismo dialético, mas também da sua leitura da filosofia de Espinoza, Vigotski concebeu um tipo de análise monista da psique, procurando superar o dualismo mente-corpo. Entendia que o intelecto opera sob a influência da fisiologia do corpo. E mais do que isso, o homem seria dotado de uma “dupla natureza”, biológica e social, conforme indicado pelo estudo de Doria (2004). Nesse sentido, o pensamento e a formação de conceitos seriam afetados por desejos e

necessidades vinculados à experiência prática dos homens. Propôs então outro tipo de análise, que decompõe a totalidade complexa da psique em unidades, entendendo-se por unidade algo que, diferente dos elementos, possui todas as propriedades inerentes ao todo, partes vivas e indecomponíveis dessa unidade: “A chave para explicar certas propriedades da água não é a sua fórmula química, mas os estudos das moléculas e do movimento molecular. (...) A psicologia que deseja estudar as unidades complexas precisa entender isso” (VIGOTSKI, 1934/2001: 8).

Embora Vigotski algumas vezes fale em unidades de análise (no plural), o que ele realmente buscava era uma unidade básica que compreendesse tudo o que fosse característico da psique. Segundo o autor, a análise monista permitiria revelar o movimento que vai das necessidades e das motivações concretas do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso, “da dinâmica do pensamento à dinâmica do comportamento e à *atividade concreta do indivíduo*” (VIGOTSKI, 1934/2001: 16-17, grifos nossos). Ele defendia a originalidade de uma Psicologia que demarcasse, de modo completamente novo, seu objeto de estudo, “que não é outro senão o *processo integral do comportamento*” (VIGOTSKI, 1930/1999d: 146, grifos nossos).

Para Vigotski, no entanto, o comportamento humano não seria um comportamento simples, limitado a movimentos glandulares e musculares observáveis, como em animais de laboratório. Embora usando o mesmo vocábulo dos behavioristas, para o autor bielorrusso o comportamento teria a característica de ser especificamente humano. Por isso considerava que seria preciso assinalar o caráter extraordinariamente amplo da experiência herdada pelo homem quando comparada com a experiência dos outros animais. Para além da genética e do instinto, haveria na humanidade a experiência histórica. Partindo, a seu modo, do pensamento marxista, Vigotski entendia que o que definiria os humanos seria a sua capacidade ativa de transformação de sua realidade, pois eles agem sobre a natureza externa a eles e criam, através das mudanças nela provocadas, novas condições para sua própria existência: “o homem adapta ativamente o meio a si mesmo” (VIGOTSKI, 1925/1999a: 65).

### **1.3 Métodos indiretos de pesquisa**

No debate com os métodos existentes de pesquisa na Psicologia de sua época, Vigotski criticava o que ele chamava de “dogma da experiência direta”, que seria uma

falsa crença de muitos psicólogos baseada em uma visão distorcida dos métodos das ciências naturais.

Ele alertava que se devia tomar cuidado em imitar as ciências exatas, transladando à Psicologia aqueles métodos que proporcionaram enormes resultados nas primeiras, mas que seriam poucos úteis à Psicologia. “Nem as fórmulas matemáticas, nem os aparelhos exatos salvaram a psicologia do fracasso do problema mal formulado” (VIGOTSKI, 1927/1999c: 274).

Vigotski considerava como uma concepção metodológica completamente equivocada a ideia de só se poder fazer ciência daquilo que nos proporciona uma experiência direta. Primeiramente porque, mesmo nas ciências naturais, nem todos os fenômenos são passíveis de verificação empírica a olho nu. Faz também referência a outros campos disciplinares como a Geologia, a História e a Linguística que estuda as línguas clássicas. Segundo o psicólogo bielorusso, as pesquisas nestes campos seriam baseadas na interpretação de vestígios e influências, em métodos de reconstrução, na crítica e na indagação do significado. Tais métodos seriam tão úteis quanto os baseados no método de observação empírica direta. Vigotski os denomina “métodos indiretos”.

O segundo motivo de sua crítica é que, mesmo observados diretamente, muitos fenômenos podem parecer enganosos se se acredita em um empirismo ingênuo. “O que dizer da rotação da Terra em torno do sol? Trata-se de um fato real que para chegar a ser um fato científico teve de inverter o curso natural da percepção do homem.” (VIGOTSKI, 1927/1999c: 236).

Da mesma forma que outras ciências, a Psicologia a seu ver estudaria fenômenos intangíveis como a consciência, os pensamentos, as emoções e o inconsciente, que não podem ser observados diretamente. Portanto, Vigotski entendia que o objeto de conhecimento da Psicologia só poderia ser pesquisado através de métodos indiretos, considerando que a interpretação seria um elemento incontornável da investigação. Para ele, a questão consistiria em saber como interpretar os “vestígios” da Psicologia, de modo que, neste campo do saber, “a interpretação não é apenas uma amarga necessidade, mas um modo de conhecimento libertador, essencialmente fecundo, *salto vitale* que, para os maus saltadores, se transforma em *salto mortale*” (VIGOTSKI, 1927/1999c: 287).

## 2. Politzer e a Psicologia Concreta

Georges Politzer<sup>11</sup> foi um filósofo que se reivindicava marxista nascido em Oradea, cidade da então Hungria, hoje localizada na Romênia. Naturalizado francês aos 19 anos, dedicou-se à Filosofia e ao estudo de base epistemológica da Psicologia nas décadas de 1920 e 30. Publicou parte de suas investigações no livro “Crítica aos Fundamentos da Psicologia”, em 1928, destacando a importância da Psicanálise, ela que, em seguida, tornou-se alvo de suas duras críticas. Em 1929, fundou a *Revue de Psychologie Concrète* com o objetivo de superar o que ele entendia como uma crise da Psicologia<sup>12</sup>. Defende-se aqui que algumas de suas posições teóricas assemelham-se às de Vigotski. E que colocá-los em diálogo poderá ter alguma fertilidade para melhor desenvolver o ponto de vista da atividade em Psicologia.

### **2.1 Homem abstrato X ato concreto do homem**

De acordo com Politzer, para explicar a vida psicológica, a ciência precisaria abandonar a ideia de controle experimental e de homem médio, partindo para uma investigação no plano da vida, isto é do indivíduo concreto e dos seus atos cotidianos, pois o que o sujeito vive são acontecimentos, “e o termo acontecimento exprime que se trata do sujeito todo. O acontecimento ou o ato, se quisermos, representa o termo da análise.” (POLITZER, 1928/2008: 68).

Politzer utilizava uma metáfora original para entender o plano psicológico. Para ele, a vida de cada pessoa se estruturaria como um “drama”. Não no sentido puramente emotivo do termo, mas do drama entendido como uma complexa narrativa representada em uma peça de teatro, com seu enredo próprio, seus diferentes cenários e seus vários personagens. Nesse sentido, partir de uma análise psicológica de elementos isolados, como o comportamento ou a consciência, seria como isolar um ato do personagem de uma peça e tentar entendê-lo fora do contexto do drama como um todo. O psicólogo “terá então algo do crítico teatral: um ato sempre se lhe apresentará apenas como um segmento de uma narrativa que só tem existência no e pelo drama” (POLITZER, 1928/2008: 68).

Para Politzer a noção fundamental de sua Psicologia Concreta seria a noção de ato, pois “o ato é a única noção inseparável do eu em sua totalidade, único entre todas as noções que só se concebe com a intervenção atual do eu.” (POLITZER, 1928/2008: 77-78). Para ele, o ato individual seria um fato psicológico porque é um segmento do drama que representa a vida. O fato psicológico não seria o comportamento simples,

mas o comportamento humano. Isto é, o comportamento enquanto relacionado, por um lado, aos acontecimentos dentro dos quais se desenvolve a vida humana e, por outro, relacionado ao indivíduo enquanto sujeito desta vida. Enfim, o fato psicológico seria o comportamento com um sentido humano.

## 2.2 Método de investigação

Ao falar do método de investigação dessa “totalidade dramática”, Politzer percebia que não seria, portanto, um método de observação pura e simples, mas um método de interpretação. E o que o psicólogo necessitaria alcançar pela interpretação não seria o eu da Psicologia abstrata, mas o sujeito da vida, isto é, “o suporte de um conjunto de acontecimentos únicos, caso se queira: o ator da vida dramática, enfim, o eu (*moi*) da vida cotidiana” (POLITZER, 1928/2008: 68).

Para o psicólogo construir o sentido de um ato humano, Politzer indicava a necessidade do fornecimento de elementos por intermédio do relato do interlocutor. O comportamento, mesmo na sua expressão observável, só se tornaria fato psicológico depois de ter sido esclarecido pelo relato. A maneira como o ato inserir-se-ia no drama seria dada ao psicólogo pelo relato que o interlocutor fizesse a respeito do ato. De tal forma que a compreensão do comportamento humano resultaria, para o psicólogo, não de uma simples percepção, mas da percepção relacionada a uma interpretação. Consequentemente, para o filósofo marxista, o fato psicológico não seria um dado empírico simplesmente coletado: “enquanto objeto de conhecimento, ele seria essencialmente construído” (POLITZER, 1928/2008: 186).

Sob este aspecto, Politzer entendia que o fato psicológico é objetivo, embora esta objetividade não fosse mensurável (ou tangível). Tampouco se trataria de uma realidade externa ao indivíduo (comportamento observável) ou interna (consciência, pensamentos), mas uma realidade do “entre”, construída de modo mediado pelo pesquisador (interpretação) e pelo ator do drama de sua vida (relato).

## 3. Um diálogo possível e necessário

Vigotski e Politzer foram cronologicamente contemporâneos, embora nunca tenham se encontrado pessoalmente. Além disso, apenas Vigotski conhecia os escritos de Politzer, conforme se verifica em seu Manuscrito de 1929 (VIGOTSKI, 1929/2000),

só tornado público em 1986. Delari Junior (2011) analisou esse manuscrito e outros textos do psicólogo bielorusso, indicando que o significado da palavra “drama” em Vigotski flutua principalmente entre duas acepções: uma mais coloquial, o desenvolvimento humano como drama (peça teatral) em vários atos; e outra mais específica, destacando numa ação “dramática” dois aspectos, ou seja, um ato de decisão humana sobre a condução de seu destino histórico e o choque entre diferentes papéis que cada pessoa vivencia.

Politzer não conheceu a obra Vigotski. Ao menos não há registro conhecido nas publicações do filósofo ou sobre ele. O motivo é compreensível porque em sua época Vigotski não era um autor conhecido fora da Rússia (e em seguida União Soviética).

Uma crítica que ambos faziam era de que a Psicologia se propunha a estudar processos psicológicos elementares, querendo captá-los em si mesmos, através de observações diretas e utilizando-se do mesmo método experimental emprestado das ciências naturais. Segundo Politzer, o resultado dessas investigações “abstratas” na Psicologia resultava em uma série de estudos baseados em um método equivocado, refletindo “o domínio dos falsos problemas ou das esperanças remotas” (POLITZER, 1928/2008: 54). Como então se revela, Politzer estava em sintonia com Vigotski em vários temas: seja na crítica ao elementarismo e à investigação direta dos processos psicológicos, seja na proposição de uma análise global da psique e da interpretação como método indireto de investigação. No entanto, a convergência que mais nos importa neste artigo refere-se à formulação de que o ato concreto/atividade prática seria o termo ou unidade de análise da Psicologia.

Politzer não deixa dúvidas de que a única unidade de análise que ele considera científica na Psicologia é o ato concreto dos humanos em um determinado contexto. Já em Vigotski, esta questão não foi desenvolvida de forma precisa e sistemática, sendo motivo de polêmica entre seus comentadores, que tentam avançar na identificação desta unidade. Para Newman e Holzman (2002), por exemplo, esta unidade seria a tão celebrada “zona de desenvolvimento proximal”. Para Burgess (1995), tomando como referência a obra *Pensamento e Linguagem* de VIGOTSKI (1934/2001), seria o “significado”. Já Van Der Veer (2001) entende que esta unidade seria a “vivência emocional”.

Defende-se aqui, em concordância com Leontiev (1978a; 1959/1978b), Ratner (1996; 1997) e Engeström (1987, *apud* ENGESTRÖM & COLE, 2007), o argumento

de que a unidade básica à qual Vigotski se referia é a atividade prática, concreta, que homens, mulheres e crianças exercem no mundo<sup>13</sup>.

Vigotski (1930/1998: 76, grifos nossos) afirmava que “a internalização das *atividades socialmente realizadas* e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana.” Ao falar do processo ativo de internalização das funções psicológicas, o autor apontou duas transformações que são fundamentais para o entendimento desta questão da unidade básica de análise: uma operação que “inicialmente representa uma *atividade externa* é reconstruída e começa a ocorrer internamente” (VIGOTSKI, 1930/1998: 75, grifos nossos); e um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. De forma que “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e, depois, no nível individual” (VIGOTSKI, 1930/1998: 75).

Leontiev (1978a; 1959/1978b), que desenvolveu a seu modo muitas das ideias iniciais de Vigotski, foi o autor que primeiro formulou de forma sistematizada o que seria para muitos uma teoria da atividade<sup>14</sup>. Segundo ele, a proposta do psicólogo bielorusso era clara: os fundamentos teóricos e metodológicos da Psicologia deveriam ser elaborados a partir da análise psicológica da atividade concreta do homem.

Há poucos anos ganha relevância uma linha de pensamento que enfatiza diferenças entre Vigotski e Luria de um lado e Leontiev de outro (VAN DER VEER & VALSINER, 1996). De acordo com essa interpretação, aqueles que seguem Vigotski defenderiam a posição de que a unidade de análise é a mediação cultural (através de signos e instrumentos), enquanto os seguidores de Leontiev enfatizariam que a unidade básica é a atividade. Engeström e Cole (2007) avaliam que essa suposta disputa se configura como um falso problema, pois a mediação cultural é um elemento inseparável da atividade humana, esta sim a unidade de análise, tanto em Vigotski como em Leontiev.

Ratner (1996, 1997) entende que, para Vigotski, a atividade e o fenômeno psicológico são inseparáveis e interdependentes, elementos de uma mesma unidade. Para o autor, o fenômeno psicológico seriam os processos subjetivos presentes na atividade prática, e a atividade seria o lado prático do fenômeno psicológico. Um é o pano de fundo do outro. No entanto, assim como em Vigotski, Ratner indica que a atividade seria o elemento primordial dessa relação porque elicita e direciona o fenômeno psicológico<sup>15</sup>.

Entende-se, portanto, que a atividade seria esta molécula buscada por Vigotski, que poderia reunir tudo que é característico da psique humana e que caberia em uma unidade de análise, constituindo-se também como objeto da Psicologia.

### **Considerações finais**

Pode-se observar que o conceito de atividade em Psicologia emergiu no interior de uma crítica radical, influenciada por autores que fizeram uso do referencial marxista, produzida neste campo do saber nos anos 1920 e 30, um contexto fortemente marcado pelo questionamento e tomada de posição contra uma ciência positivista e estéril, desconectada da vida real das pessoas. No jogo de forças da época, no entanto, esta proposta crítica enfraqueceu-se dentro da Psicologia e ficou relegada à marginalidade até a década de 1970.

Bronckart (2004, *apud* BÉGUIN, 2006: 56-57) avalia que, no início do século XX, não só a Psicologia, como também a Sociologia, a Lingüística e as Ciências da Educação enfrentaram debates complexos sobre seus modelos de referência (ciências naturais ou sociais?), a definição dos seus objetos de conhecimento (comportamento, consciência, representações, fatos sociais, etc.), assim como sobre os procedimentos de pesquisa (observação, experimentação, introspecção, hermenêutica, etc.). Neste contexto geral, segundo Bronckart, as obras de Politzer e Vigotski, entre outras, constituíram um movimento transversal que destacou a importância da articulação de diferentes saberes em torno de uma unidade de análise relacionada à vida real dos humanos. Contudo, ainda segundo o autor, a partir dos anos 1930 esse movimento foi duramente combatido, diminuído e quase desapareceu, sob o efeito do crescimento de tendências ancoradas no positivismo.

O finlandês Engeström (2012), um dos formuladores do que ele chama “terceira geração da teoria da atividade”, afirma que apenas no bojo dos movimentos políticos dos anos 1960 e 70 a hegemonia da abordagem positivista (descontextualizada e orientada estatisticamente) foi efetivamente questionada nas ciências humanas (especialmente no campo da Educação e na Psicologia). Segundo o autor, na busca de alternativas ao modelo dominante de ciência da época, encontrou na “tradição histórico-cultural soviética”, a teoria da atividade de Vigotski e Leontiev.

Em diferentes abordagens, em diversos países e idiomas, segundo Engeström et alli (1999), verifica-se atualmente a utilização crescente do conceito de atividade,

revelando-se pertinente não só na realização de pesquisas nos contextos de formação humana, como no desenvolvimento de atividades de trabalho, e implantação de tecnologias computacionais e de tratamento psicoterapêutico.

Como indicado no início deste artigo, o conceito de atividade passou a também estar presente no campo da Psicologia do Trabalho e Organizacional (PT&O), inicialmente na Psicologia ergonômica e Ergonomia da Atividade<sup>16</sup>, pois foi aí que a atividade (de trabalho) foi incorporada como conceito-chave. Em seguida, desenvolveu-se aí como um “ponto de vista” que orienta a intervenção e/ou pesquisa, o que se pode verificar também na Clínica da Atividade (CLOT, 2006a, 2010) e na Didática Profissional (PASTRÉ, 2011; VINATIER, 2012).

Destacamos, por último, a presença estruturante deste conceito, a partir dos anos 1980, no interior do grupo fundador do encaminhamento que se configurou na Ergologia. O que se pode verificar na obra produzida por Yves Schwartz (2000, 2007; SCHWARTZ & DURRIVE, 2010), Jacques Duraffourg (1989, 1997, 2010) e Daniel Faïta (1993, 2005). Segundo Brito e Athayde (2011), a Ergologia não se caracteriza como uma nova disciplina ou um novo campo do saber, mas como uma perspectiva de análise e de intervenção sobre o trabalho. Sob a liderança de Yves Schwartz, a Ergologia explora o ponto de vista da atividade humana, indicando a necessidade de uma dupla confrontação: entre os diferentes saberes “constituídos” (técnicos, científicos, acadêmicos) e destes com os saberes da prática (produzidos na atividade de trabalho).

## Referências

- BÉGUIN, Pascal. Acerca de la evolución del concepto de actividad. *Laboreal*, v. 2, n. 1, p. 55-61, 2006.
- BRITO, Jussara; ATHAYDE, Milton. Ergologia e clínica do trabalho. Em: BENDASSOLLI, Pedro e SOBOLL, Lis (orgs.). *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas, 2011.
- BURGESS, Tony. Ler Vygotsky. Em: DANIELS, Harry (org.). *Vygotsky em foco: pressupostos e desdobramentos*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- CHAIKLIN, Seth (org.). *The theory and practice of cultural-historical psychology*. Aarhus: Aarhus University Press, 2001.
- CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2006a.
- \_\_\_\_\_. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- \_\_\_\_\_. Vygotski: para além da Psicologia Cognitiva. *Pro-posições*, v. 17, n. 2, p. 19-30, 2006b.

- COLE, Michael; ENGESTRÖM, Yrjö; VASQUEZ, Olga (orgs.). *Mind, culture, and activity: seminal papers from the Laboratory of Comparative Human Cognition*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Introdução. Em: VYGOTSKI, Lev (org.). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DANIELLOU, François (org.). *A ergonomia em busca de seus princípios*. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.
- DELARI JUNIOR, Achilles. Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia em Estudo*, v. 16, n.2, p. 181-197, abr./jun. 2011.
- DORIA, Nilson. O corpo na história: a dupla natureza do homem na perspectiva materialista dialética de Vigotski. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 56, n.1, p. 35-49, 2004.
- DURAFFOURG, Jacques. L'activité réelle de travail: enjeux et contradictions pour l'entreprise. *Performance*, n. 42/43, p. 12-16, 1989.
- \_\_\_\_\_. “On ne connaît que les choses qu’on apprivoise”. Em: SCHWARTZ, Yves (org.). *Reconnaissances du travail: pour une approche ergologique*. Paris: PUF, 1997.
- \_\_\_\_\_. O trabalho e o ponto de vista da atividade. Em: SCHWARTZ, Yves e DURRIVE, Louis (orgs.). *Trabalho e ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói: EDUFF, 2010.
- EDGLEY, Roy. Materialismo Dialético. Em: BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Original publicado em 1983.
- ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. Original publicado em 1883.
- ENGESTRÖM, Yrjö. On third generation activity theory: interview with Yrjö Engeström. *Europe's Journal of Psychology*, v. 8, n. 4, p. 515-518, 2012.
- ENGESTRÖM, Yrjö; COLE, Michael. Cultural-historical approaches to designing for development. Em: VALSINER, Jean e ROSA, Alberto (orgs.). *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ENGESTRÖM, Yrjö.; MIETTINEN, Reijo; PUNAMÄKI-GITAI, Raija-Leena (orgs.). *Perspectives on activity theory*. New York: Cambridge University Press, 1999.
- FAÏTA, Daniel. Dix ans d’avancées dans la compréhension du travail: reconstruire l’objet d’une autre pratique scientifique. Em: *Regards nouveaux sur le travail*. Paris: Cahiers INETEP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Análise dialógica da atividade profissional*. Rio de Janeiro: Imprinta Express, 2005.
- FALZON, Pierre (org.). *Ergonomia*. São Paulo: Edgar Blucher, 2007.
- FIGUEIREDO, Luis Claudio. *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.

- FONTANA, Roseli Cação. A constituição social da subjetividade: notas sobre Central do Brasil. *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 221-234, 2000.
- GUÉRIN, François; LAVILLE, Antoine; DANIELLOU, François; DURAFFOURG, Jacques; KERGUÉLEN, Alain. *Compreender o trabalho para transformá-lo: a prática da ergonomia*. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.
- LACOMBLEZ, Marianne. André Ombredane, Jean-Marie Faverge et le béhaviorisme. *Séminaire du Centre de Recherche du Travail et du Développement*. Paris, 2011.
- LEONTIEV, Alexei N. *Activity, consciousness and personality*. New Jersey, EUA: Prentice-Hall, 1978a. Retirado a 5 de março de 2012 de: <<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1978/index.htm>> acessado em 08 de junho de 2013.
- \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978b. Original publicado em 1959.
- \_\_\_\_\_. Artigo de introdução sobre o trabalho criativo de L. S. Vigotski. Em: VIGOTSKI, Lev (org.). *Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Original publicado em 1982.
- LEPLAT, Jacques. *Repères pour l'analyse de l'activité en ergonomie*. Paris: PUF, 2008.
- MARIGUELA, Márcio. *Jacques Lacan, o passador de Georges Politzer: Surrealismo e Psicanálise*. Tese de Doutorado. Educação. Unicamp, Campinas, 2005.
- MARX, Karl. *El Capital*. Tomo 1. Mexico: Fondo Cultural de Economía, 1958. Original publicado em 1867.
- \_\_\_\_\_. The German Ideology. Em: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich (orgs.). *Marx-Engels Collected Works*. Moscou: Progress Publishers. Vol. 5, 1969. Original publicado em 1846. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/marx/works/1845/german-ideology/index.htm>>, acessado em 5 de março de 2012.
- \_\_\_\_\_. Teses contra Feurbach. Em: MARX, Karl (org.). *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Abril Cultural, 1974. Original publicado em 1845.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2001. Original publicado em 1844.
- NEWMAN, Fred; HOLZMAN, Lois. *Lev Vygotsky: Cientista Revolucionário*. São Paulo: Loyola, 2002.
- PASTRÉ, Pierre. *La Didactique Professionnelle*. Paris: PUF, 2011.
- POLITZER, Gerorges. *La crise de la psychologie contemporaine*. Paris: Editions Sociales, 1947. Original publicado em 1928-29. Disponível em: <<http://www.vigotski.net/textosfr.html#politzer>>, acessado em 5 de março 2012.
- \_\_\_\_\_. *Crítica dos fundamentos da Psicologia: a Psicologia e a Psicanálise*. Piracicaba: UNIMEP, 2008. Original publicado em 1928.
- PRADO JR., Bento. Georges Politzer: sessenta anos da crítica dos fundamentos da Psicanálise. Em: \_\_\_\_\_ (org.) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

- RATNER, Carl. Activity as a key concept for Cultural Psychology. *Culture and Psychology*, n. 2, p. 407-434, 1996.
- \_\_\_\_\_. In defense of activity theory. *Culture and Psychology*, n. 3, p. 211-223, 1997.
- SANNINO, Annalisa; DANIELS, Harry; GUTIÉRREZ, Kris (org.). *Learnig and Expanding with Activity Theory*. New York: Cambridge University Press, 2009.
- SANTOS, Marta. *O projecto de uma sociedade do conhecimento: de Lev Vygotski a práticas efectivas de formação contínua em Portugal*. Tese de Doutoramento. Psicologia, Universidade do Porto/UP, Porto, 2004.
- SCHWARTZ, Yves. *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Toulouse: Octarès, 2000.
- \_\_\_\_\_. Activité, un brèf aperçu de l'histoire culturelle du concept d'activité. *Activités*, v. 4, n. 2, p. 122-133, 2007.
- SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (orgs.). *Trabalho & Ergologia*. Niterói: EDUFF, 2010.
- SHUARE, Marta. *La Psicologia Soviética como yo la vejo*. Moscú: Editorial Progreso, 1990.
- TOASSA, Gisele. *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva históricocultural*. Tese de Doutoramento. Psicologia. Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2009.
- TOLMAN, Charles. The origins of Activity as a category in the Philosophies of Kant, Fichte, Hegel and Marx. Em: CHAIKLIN, Seth (org.). *The theory and practice of cultural-historical psychology*. Aarhus, Denmark: Aarhus University Press, 2001.
- VALSINER, Jean; ROSA, Alberto (orgs.). *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- VAN DER VEER, René. The idea of units of analysis: Vygotsky's contribution. Em: CHAIKLIN, Seth (org.). *The theory and practice of cultural-historical psychology*. Aarhus, Denmark: Aarhus University Press, 2001.
- VAN DER VEER, René; VALSINER, Jean. *Vygotsky: uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- VIGOTSKI, Lev. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. A consciência como problema da psicologia do comportamento. Em: \_\_\_\_\_ *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. Original publicado em 1925.
- \_\_\_\_\_. Métodos de investigação reflexológicos e psicológicos. Em: \_\_\_\_\_ *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. Original publicado em 1926.
- \_\_\_\_\_. O Significado histórico da crise da psicologia. Em: \_\_\_\_\_ *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999c. Original publicado em 1927.
- \_\_\_\_\_. A psique, a consciência e o inconsciente. Em: \_\_\_\_\_ *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999d. Original publicado em 1930.

\_\_\_\_\_. Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000. Original publicado em 1929.

\_\_\_\_\_. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Original publicado em 1934.

VINATIER, Isabelle (org.). *Reflexivité et développement professionnel*. Toulouse: Octarés, 2012.

Marcello Santos Rezende  
Doutorando em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),  
Mestre em Saúde Pública, Psicólogo do Trabalho da FIOCRUZ  
E-mail: [marcellosantosr@gmail.com](mailto:marcellosantosr@gmail.com)

Milton Raimundo Cidreira Athayde  
Pós-Doutor em Ergologia pela Université d'Aix-en-Provence, França, Doutor em  
Engenharia de Produção, Professor-Pesquisador do Instituto de Psicologia da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Cirlene de Souza Christo  
Doutoranda em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),  
Mestre em Psicologia Social.

---

<sup>1</sup> Segundo Béguin (2006), a definição oficial de ergonomia, aprovada pelo Conselho do International Ergonomics Association em agosto de 2000, diz que a ergonomia é uma disciplina orientada a sistemas que agora se estende por todos os aspectos da atividade humana. Ainda segundo o autor, mais recentemente, e independentemente de Ergonomia, a Society for Cultural and Activity Research realizou seu primeiro congresso em Sevilha, em setembro de 2005, com a participação de 1700 pessoas. Estes são apenas dois exemplos da agitação atual em torno da noção de atividade.

<sup>2</sup> Em um texto de 1927 (VIGOTSKI, 1927/1999c), não atribui qualquer nome à sua Psicologia, condenando o uso de epítetos. No entanto, Luria (*apud* TOASSA, 2009) afirma que Vigotski costumava aplicar à sua proposição os adjetivos “histórico”, “cultural” ou “instrumental”. Por outro lado, esta denominação registra a recusa de uma abordagem maturacionista do desenvolvimento, pois o mesmo não pode ser inteiramente previsto e programado *a priori*. Os possíveis presentes no meio, seu curso histórico, as interferências nele sedimentadas tornar-se-ão importantes no desenvolvimento de cada um (SANTOS, 2004).

<sup>3</sup> Sua presença ainda pode ser notada no Brasil, mesmo que raramente, mas não vinculada ao debate sobre o conceito de atividade. Podem ser citados Prado Jr. (1991) e Fontana (2000).

<sup>4</sup> Figueiredo (1991) aponta que o pensamento psicológico tem várias matrizes, uma delas, a matriz “Atomicista e Mecanicista”, fortemente combatida por Vigotski e Politzer. Tendo sua origem na Física e na Química, o atomicismo inspirou projetos de decomposição da vida psíquica em continuação à tradição fisiológica e anatômica, que tinha como tema a atividade reflexa e involuntária.

<sup>5</sup> Vigotski desde cedo viveu uma luta contra a tuberculose, sendo por ela vencido aos 38 anos. Já em sua primeira internação (aos 24 anos) os médicos haviam falado que ele não sobreviveria, o que o levou a pedir a um ex-professor que publicasse seus escritos postumamente. Vigotski recuperou-se dessa primeira internação, mas a doença viria a atormentá-lo pelo resto de sua vida, obrigando-o a conviver permanentemente com o risco da morte (VAN DER VEER & VALSINER, 1996).

<sup>6</sup> Inicialmente especialista em Psicologia animal, doutor em Neuropsicologia, Watson, na segunda década do século XX, apresentou uma proposta de Psicologia que se opunha ao funcionalismo e ao estruturalismo.

<sup>7</sup> No período de vida de Vigotski, chamava-se Defectologia um campo de estudo das pessoas que apresentavam algum tipo de “defeito”, ou seja, aqueles que não se enquadram nos parâmetros da normalidade, sob uma condição física ou psicológica.

<sup>8</sup> Segundo Edgley (1983/2001), Marx não usou a expressão “materialismo dialético”. Ele falara sobre a “concepção materialista da história”, que mais tarde foi chamada de “materialismo histórico” por Engels. Por sua vez, embora seja considerado o fundador do materialismo dialético, Engels (2000), em seu livro *Dialética da Natureza*, de 1883, falara em “dialética materialista”. Georgi Plekhanov, considerado o “pai do marxismo russo”, foi quem introduziu o termo “materialismo dialético”, apelidado de *Diamat*, na literatura marxista em 1891. Vigotski (1927/1999c) usava as duas expressões, “materialismo histórico” e “materialismo dialético”, fazendo constantes referências a Engels e Plekhanov.

<sup>9</sup> Toassa (2009) indica que o tema das emoções era considerado por Vigotski como o capítulo menos desenvolvido (embora, possivelmente, o mais importante no futuro) das Psicologias de sua época.

<sup>10</sup> Usamos aqui a expressão defendida por Paulo Bezerra, que em sua nova tradução direta do russo do livro de Vigotski (1934/2001), *Pensamento e Linguagem* (nesta nova tradução a editora mudou o título para *A construção do pensamento e da linguagem*). Com este conceito define-se o hiato entre o que o indivíduo pode realizar sozinho e o que realiza quando conta com a colaboração de alguém mais experiente.

<sup>11</sup> Como Vigotski, também teve vida breve. Filiou-se ao Partido Comunista Francês (PCF) em 1930, compondo a sua direção clandestina durante a luta da Resistência contra a ocupação alemã durante a 2ª Guerra. Morreu fuzilado pelos nazistas em 1942 e sua esposa foi assassinada no campo de concentração de Auschwitz, meses após. Era assim apelidado por seus amigos e companheiros de militância: “o filósofo vermelho”. Segundo Mariguela (2005), os dados biográficos são restritos, pois os documentos, cartas e rascunhos foram queimados logo após Politzer ser morto.

<sup>12</sup> Segundo Mariguela (2005), no final da década de 1920, um grupo de jovens filósofos resolveu fundar, com o dinheiro de herança de Georges Friedmann, duas revistas: *Revue Marxiste* e a *Revue de Psychologie Concrète*. Os ideais do projeto politzeriano encontraram então um meio de divulgação. Segundo Politzer, “se existe, portanto, uma crise da psicologia e se esta crise pode ser superada, será aqui (na revista) que este acontecimento deverá produzir-se” (*apud* MARIGUELA, 2005: 184). A revista, no entanto, teve apenas dois números e teria fracassado por falta de colaboradores.

<sup>13</sup> Entendemos que esta ideia é mais coerente com o pensamento de Marx. Encontramo-la, por exemplo, quando ele critica Feuerbach (MARX, 1845/1974) ou quando afirma que a premissa da qual ele parte “são os indivíduos reais, sua atividade e as condições materiais em que vivem, tanto aquelas que se encontram já existentes quanto aquelas produzidas pela sua atividade” (MARX, 1846/1969, tradução nossa). Ele apontava também para a característica intrinsecamente social da atividade, entendendo que ela é social tanto no conteúdo quanto na origem. Segundo o autor, mesmo quando alguém desenvolve uma atividade solitariamente, ela não deixa de ser social: não só o objeto dessa atividade, mas os meios nela empregados (linguagem, ferramentas, artefatos) são sociais. “A minha própria existência é atividade social. O que eu produzo é para a sociedade, com a consciência de se agir como ser social” (MARX, 1844/2001: 140). Nesta linha de argumentação, encontra-se Tolman (2001), segundo o qual estas premissas fundamentais do pensamento de Marx foram desenvolvidas por Vigotski na Psicologia.

<sup>14</sup> Leontiev (1978b) construiu um modelo teórico da atividade, entendendo-a como um sistema coletivo, dividido em três níveis: atividade, ação e operação.

<sup>15</sup> Ratner (1996) formula a hipótese de que nos primeiros estágios da vida social da humanidade a necessidade de organizar as atividades humanas em um contexto de escassez de recursos serviu de estímulo para a emergência dos primeiros vestígios do fenômeno psicológico, como a imaginação (formação de imagens mentais) necessária para o planejamento das atividades sociais. Estas atividades incluíam, dentre outras: cuidar da cria, dos velhos e dos doentes; criar estratégias mais eficientes de

“trabalho”; caçar, pescar e coletar frutos; distribuir os recursos; proteger-se das intempéries climáticas e dos predadores.

<sup>16</sup> Através da longa tradição francófona de análise do trabalho desde o início do século XX, com a rica experiência psicotécnica de Lahy e Pacaud, passando no meado daquele século por Faverge, linhagem que teve continuidade seja em uma Psicologia Ergonômica, com Leplat e Lacomblez, seja na própria Ergonomia da Atividade com Wisner, Teiger, Duraffourg, Daniellou e Hubault.